

**A DESLEGITIMAÇÃO DE IDEOLOGIAS PATRIARCAIS EM
PEÇAS PUBLICITÁRIAS DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA
CONTRA MULHERES DA PREFEITURA DE SALVADOR-BA**

Nadia de Jesus Santos (UNEB)
nadiadejesusantos@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a análise de duas peças publicitárias de prevenção à violência contra mulheres divulgadas pela prefeitura de Salvador-Ba no período dos festejos juninos de 2017. Objetivou-se compreender como se articulam as formações discursivas que permeiam os discursos materializados nas peças publicitárias, levando em consideração a existência dos estereótipos de sensualidade da mulher baiana. Aportaram-se os conceitos teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa, com prioridade aos estudos teóricos de Michel Pêcheux (1983) e Eni Orlandi (1999). Assim, verificou-se que os discursos materializados nas peças analisadas estão inseridos em formações discursivas feministas se opondo as ideologias patriarcais. AS FD's feministas se incumbem de buscar a deslegitimação de discursos construídos no período da colonização brasileira, mas ressignificados nos dias atuais, pois, ainda vive-se em uma sociedade marcada pelo sexismo.

Palavras-chave:

Feminismo. Mulheres. Violência de gênero.

ABSTRACT

This article presents the analysis of two advertising pieces for the prevention of violence against women published by the city of Salvador-Ba during the June festivities of 2017. The objective was to understand how the discursive formations that permeate the speeches materialized in the advertising pieces are articulated, taking into account the existence of stereotypes of sensuality of Bahian women. The theoretical-methodological concepts of French Discourse Analysis were applied, with priority to the theoretical studies of Michel Pêcheux (1983) and Eni Orlandi (1999). Thus, it was found that the speeches materialized in the analyzed pieces are inserted in feminist discursive formations opposing patriarchal ideologies. Feminist FD's are charged with seeking to delegitimize discourses built during the period of Brazilian colonization, but re-signified today, as they still live in a society marked by sexism.

Keywords:

Feminism. Women. Gender-based violence.

1. Introdução

Embora seja comemorado em todo o Brasil, é no Nordeste que as festas juninas ganham maior expressão, principalmente em cidades do in-

terior. Isso acontece porque os festejos juninos estão diretamente relacionados à realidade do homem do campo, representando a época da colheita do milho e amendoim que configuram como algumas matérias-primas das comidas típicas do período. Além da relação com o homem do campo, é válido frisar que existe uma explícita ligação dos festejos juninos com o calendário religioso católico, pois celebram no mês de junho os dias dos santos João, Antônio e Pedro.

Por muito tempo, as festas juninas foram realizadas em domicílios e seus entornos. Cada casa se tornava um ponto de acolhimento para todos que estavam envolvidos na festa; família e amigos se reuniam ao redor de uma fogueira, com o tradicional forró arrasta pé, queima de fogos, além de banquetes com comidas típicas do ciclo.

Nas festas juninas do passado, a casa era um espaço semiaberto que se abria para a comunidade do bairro, notadamente nos períodos festivos. O redesenho do São João de casa em casa pode ser atribuído também a um outro fator de ordem espacial: a dinâmica do espaço habitado. O crescimento urbano [...] comprometeu em parte aquela atmosfera de familiaridade que se observa em pequenas cidades; com o crescimento horizontal das cidades muitos moradores não se conhecem, não vivem mais na dimensão comunitária ligada à contiguidade física do passado. (CASTRO, 2012, p. 50)

Então, a tradicional festa de celebração e agradecimento às divindades pela boa colheita do período passou por diversas mudanças. As reuniões em ambientes familiares estão sendo substituídas por locais públicos, pois é possível acolher um número maior de participantes para apresentação de grandes shows musicais e o comércio de comidas típicas. Conforme Castro,

[...] a partir, sobretudo dos anos 1970, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado pela iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e de segmentos dos governos dos estados como Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, que passaram a investir na espetacularização das festas juninas como estratégia de projeção midiática e turística das cidades. (CASTRO, 2012, p. 22)

Com isso, a festa passa a não ser apenas em cidades do interior, pois as grandes metrópoles, principalmente as do Nordeste, começaram a organizar os chamados “arrajá junino”. Em Salvador-BA, maior capital da região, não foi diferente. Tentando mesclar o tradicional com o moderno, a prefeitura de Salvador-BA realiza os festejos juninos no conhecido Centro Histórico, nos espaços do Terreiro de Jesus, Paripe, Largo do Pelourinho e Cruzeiro de São Francisco. Além do interesse em estender a tradição do interior para a capital, a festa é organizada de modo a cada

ano ser mais atrativa aos turistas e assim incrementar a economia da cidade.

Iniciada, oficialmente, no dia de Santo Antônio, 13 de junho, os festejos seguem até 29, dia de São Pedro, entretanto é forró no Pelourinho, por exemplo, o mês inteiro. Por ser conhecida pelas grandes festas de Carnaval, a cidade torna-se referência para turistas que têm interesse em conhecer o São João do Nordeste. Diante disso, nesse período, a cidade de Salvador-BA recebe milhares de pessoas de diversos estados do país, além dos estrangeiros, sendo o predomínio de turistas nacionais nesse período.

Os espaços são organizados de modo à festa não perder suas características interioranas, dessa forma, as ladeiras recebem os coloridos das bandeirolas, além do animado ritmo do forró pé de serra, barracas a vender comidas típicas, apresentações de quadrilhas e shows de forró com cantores de renome no cenário nacional.

Nesse contexto de festa e animação, a Secretaria de Políticas para as Mulheres, Infância e Juventude da prefeitura de Salvador desenvolve um trabalho de prevenção à violência contra as mulheres, sendo divulgadas, no São João de 2017, duas peças publicitárias, que serão analisadas neste artigo na perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa.

2. Desenvolvimento

O discurso não significa por si só. Para ter sentido, é preciso relacioná-lo à exterioridade. E para explicar esse processo de significação do discurso, Pêcheux e Fuchs (1975) formularam a noção de condições de produção após repensarem a concepção de sujeito “não subjetivo” formulada na AAD-1969, tendo em vista “que a ideologia interpela o indivíduo em sujeito” pela ocupação de um lugar social, ou seja, uma posição no discurso que torna a língua não transparente e carregada de efeitos de sentidos. De acordo Pêcheux (2010, p.78), “[...] é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]”.

Para a compreensão dos discursos produzidos, faz-se necessário identificar as condições de produção dos mesmos. Ao lidar com as condições de produção, tratamos da materialidade simbólica, assim comoda

materialidade histórica.

Os discursos não são construídos isoladamente, têm sentidos porque estão ligados a outros dizeres a partir da memória discursiva que é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2005, p. 31). Nessa perspectiva, todos os discursos consolidados nas peças publicitárias em análise têm um pré-construído, definido como o “sempre já lá da interpelação ideológica que fornece-impõe a realidade de seu sentido sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1975 [1988, p. 164).

Figura 1: Peça 1 da campanha de prevenção à violência contra a mulher do São João 2017.



Fonte: www.facebook.com/smp.

A peça 1 apresenta a sequência discursiva “Junho é mês de arrasta pé, pode dançar juntinho, mas só se a ‘muié’ quiser”, seguida da imagem de um casal dançando. No enunciado, o verbo **poder** aparece no presente do indicativo **pode**, indicando uma ação, que seria dançar forró, entretanto, no período seguinte, encontra-se a conjunção **se**, que estabelece um sentido de condição, ou seja, para que a ação seja concretizada é necessário certo consentimento, que é o da mulher.

Ao destacar o respeito à vontade da mulher, o sujeito faz referência a “já ditos” em que os interesses e desejos femininos não são levados em consideração, pois numa visão machista, a mulher ainda é concebida como o “outro sexo” criado para satisfazer os interesses do dominante.

Ao pensar as condições de produção nas quais a peça foi produzida para divulgação em uma cidade onde a maioria da população é feminina, recebe turistas de diversas regiões do país e do mundo, e alguns deles têm como referência da cidade o estereótipo da sensualidade da mulher baiana, compreende-se que o enunciado **“pode dançar juntinho quando a muier quiser”** estabelece outros sentidos, além do ato de unir dois corpos para dançar o forró, ou seja, de forma implícita, a peça materializa sentidos para o combate à violência sexual, pois consolida o discurso de que para tocar no corpo de uma mulher se faz necessária a permissão da mesma.

O contexto sócio-histórico da festa junina apresenta nas práticas ideológicas, a constituição de uma materialidade linguística onde se materializam rimas e variedades linguísticas, possibilitando junto à imagem, efeitos de sentidos positivos na relação entre os gêneros masculino e feminino. No entanto, há também um efeito de alerta mediante os “já ditos” que remetem ao abuso sexual pelo toque ao corpo da mulher.

Então, o sujeito na posição de mulher empoderada constrói a imagem de mulheres autônomas, que decidem por quem serão tocadas intimamente, tendo o direito de escolher seus pares na dança e na vida, pois têm ciência de que a mulher não foi criada para satisfação dos interesses masculinos, como propagado por muito tempo; elas sabem de seus direitos e lutam por tais, cabendo ao sexo masculino respeitá-las.

E justamente por isso estão sempre em alerta, pois têm ciência de que a violência ainda existe, que muitos homens não estão satisfeitos com o empoderamento conquistado pelas mulheres e tentam impor sua força física. É importante frisar que a violência sexual é qualquer ato sexual ou tentativa de obtenção do ato por violência ou coerção, comentários ou investidas sexuais indesejados, atividades como o tráfico humano ou diretamente contra a sexualidade de uma pessoa, independentemente da relação com a vítima, sendo que a peça publicitária faz referência a esse tipo de violência.

Sem ter consciência da interpelação ideológica, o sujeito resgata do interdiscurso, através da memória discursiva, o que pode ser dito pela formação discursiva. Ao delinear os sentidos, percebe-se que o sujeito do discurso está afetado por uma formação discursiva que visa ao empoderamento feminino ao mesmo tempo em que constrói novos sentidos buscando a deslegitimação de discursos de publicização do corpo feminino. Para Naila Kabeer (1999), o empoderamento é o processo através do qual

aqueles/as a quem era negada a capacidade de fazer escolhas estratégicas para suas vidas adquirirem tal capacidade.

O destaque dado à palavra **quiser** declara o poder de escolha conquistado pelo movimento feminista que outrora não existia. Portanto, percebe-se entre os ditos e não-ditos, a existência de sentidos entrelaçados a uma formação discursiva feminista em oposição ao machismo, mas com deslizamentos de sentidos para a formação discursiva do movimento de mulheres negras, e isso acontece em consequência das condições de produção.

Figura 2: Peça 2 da campanha de prevenção à violência contra a mulher do São João 2017.



Fonte: www.facebook/smpj.salvador.

Na segunda peça publicada para prevenção à violência contra mulheres nos festejos juninos, também em forma de versos, temos a sequência discursiva “Se ela deixar, pode dançar agarradinho até o sol raiar.”, com a imagem de um casal dançando, ao fundo algumas bandeirolas e o sol nascendo em referência ao dito no verso. Aparece novamente a conjunção “se” para delinear que existe uma condição para que a ação aconteça, que nesse caso, autorização da mulher. Os acontecimentos giram em torno do “se ela deixar”, e, assim, com esse consentimento, pode ter dança agarradinho, mão boba, beijo, abraço e quaisquer outras coisas que o casal queira fazer em comum acordo.

Afetado pelo esquecimento, o sujeito sente-se a fonte do dizer sem perceber que esse enunciado foi retomado a partir de enunciados já-ditos, ou seja, ao chamar a atenção para levar em consideração o desejo da mulher, o sujeito, através da memória discursiva, retoma dizeres cons-

truídos pelo movimento feminista, que tem lutado por respeito e autonomia do gênero, mas também rememora discursos que idealizam a mulher como um ser submisso ou inferior ao homem. Assim, a sequência discursiva “se ela deixar” se constrói a partir de dizeres sobre o domínio masculino em relação à mulher que estão no interdiscurso, como em “ela é minha”, “pego quando quiser” ou “eu peguei”, em que o gênero feminino é apresentado como um transporte ou objeto de livre acesso, sendo que por muito tempo isso foi naturalizado, não ocorrendo nenhuma intervenção do poder público, por exemplo, pois se constituía uma ideologia patriarcal também.

Como se sabe, na AD, o sujeito é constituído pela ideologia que o insere em sua discursividade, possibilitando-o ter a impressão de ser dono dos sentidos dos enunciados proferidos, entretanto, além de não ser o construtor dos discursos, por intermédio de seus ditos, reflete tudo que já foi dito, em outros lugares, contextos, de outras formas, em diversos discursos. Dessa forma, os sentidos estabelecidos nas palavras não acontecem isoladamente, mas em consequência da formação discursiva à qual o sujeito pertence.

3. Conclusão

Nessas peças, percebe-se que há o predomínio dos sentidos constituídos pela formação discursiva feminista, a qual materializa dizeres contra uma ideologia patriarcal e também machista ainda presentes na sociedade, ocorrendo regularidade no discurso de ambas as peças, sendo assim uma paráfrase. Em relação à posição-sujeito, pode-se dizer que nas duas peças foram constatadas a superposição, pois a forma-sujeito e o sujeito do discurso se identificam perfeitamente, caracterizando-se como bom-sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kuhner. 6. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2018.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. *Da casa à praça pública: a especula-*

rização das festas juninas no espaço urbano. Salvador: EDUFBA, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

ORLANDI, Eni. P. *Discurso e Texto*: Formulação e circulação de sentidos. 4. ed. Campinas-SP: Pontes.

_____. *Análise de Discurso*: Princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da Memória*. ACHARD, P. *et al.* Trad. de NUNES, José Horta. *Papel da memória*. Campinas-SP: Pontes, 1999. p. 49-65

_____. *O Discurso*: Estrutura ou Acontecimento. Trad. de Enni Orlandi. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.

PEÇA PUBLICITÁRIA. Disponível em: www.facebook.com/smpj.salvador. Acesso: 20 de junho de 2017.